

O Carcoma do Regime

RAUL PILLA

SEM embargo de alguns resultados felizes, a corrupção e a demagogia imperaram no recente pleito eleitoral. Candidatos houve que despenderam dezenas de milhões de cruzeiros, alguns, embora, sem conseguir eleger-se. Aberto e franco foi o mercado de votos.

Trata-se evidentemente de fenómeno grave. A continuarem assim as coisas, quem não disponha de muito dinheiro, próprio ou alheio, não se animará sequer a candidatar-se. E haverá então democracia, dado que a tenha havido até agora? Não: ter-se-á a plutocracia, na pior das suas modalidades, em que o dinheiro não só influi naturalmente, mas também corrompe deliberadamente. Aonde chegará, assim, o nível das assembleias representativas, que na República não tem cessado de baixar? E que compensação hão-de buscar os que tanto despendem por eleger-se?

Entretanto, a influência do dinheiro não corre sempre à conta de candidatos e eleitores. Em muitos Estados pobres e pouco povoados, a eleição não se pode fazer, no interior, sem dar transporte e alimentação aos cidadãos que vêm de longe para votar. Sendo débeis e inconsistentes os partidos, tais despêsas quem as faz é o maior, senão único interessado: o candidato.

Tem-se imaginado corrigir o grave mal mediante providências legais. Algumas podem ser úteis, mas não atingem as causas profundas, que são de or-

dem moral, política e social. Em verdade, somos um país gravemente enfermo.

Explica-se dest'arte que, ainda sem corromper, ainda sem comprar votos, os candidatos, em certos Estados, sejam obrigados a despendere quantias avultadas para disputar o pleito. Os votos não são comprados, mas são custeados. Isto é, sômente os homens ricos podem ser candidatos, já que sômente eles podem arcar com as despêsas da mobilização dos eleitores.

Como obviar o mal? Aliviam alguns que as despesas de condução e alimentação corram por conta do Estado. Não simpatizo com a idéia, principalmente pelos abusos que ensejaria. O paternalismo, mal brasileiro, seria então completo. Até no ato em que se deve afirmar como uma parcela da so-

berania, o cidadão passa a ser conduzido pelo Estado.

Outra solução seria voltar ao passado: o voto censitário, praticado no Império. Sômente, quem tivesse uma determinada renda, isto é, tivesse a indispensável independência econômica, teria o direito de votar. Não haveria, então, porque subsidiar os eleitores. Mas esta seria, agora, uma solução impossível.

De toda a forma, o problema está pôsto. Demagogia e plutocracia são os vermes que estão carcomendo o regime.